

A FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY E AS POTENCIALIDADES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA AS PESQUISAS EM GEOGRAFIA
Merleau-Ponty's phenomenology and the theoretical and methodological potential for research in Geography

Leonardo Berté Nunes¹
 Benhur Pinós da Costa²

RESUMO

Dentre os vários autores através dos quais se constroem as pontes entre a geografia e a fenomenologia temos Maurice Merleau-Ponty. Através dos diversos enunciados contidos nas obras de Merleau-Ponty, em especial, aqueles que indicam a noção de sujeito como uma consciência corporificada, várias potencialidades de pesquisas geográficas surgem. Nossa proposta é, em um primeiro momento, traçar com profundidade a discussão das questões que envolvem o corpo, o espaço e a intencionalidade a partir das perspectivas enunciadas pelo autor. Em um segundo momento, evidenciar pesquisas geográficas já realizadas que tomam por base a fenomenologia de Merleau-Ponty. Para fazer isso, selecionamos a obra "Fenomenologia da Percepção" para ser discutida no primeiro momento do artigo. Para traçar as discussões do segundo momento da proposta utilizaremos de buscas no Portal de Periódicos da CAPES, na plataforma Scielo e na plataforma Google Acadêmico e, assim, apresentar as potencialidades para as pesquisas em geografia.

Palavras-Chave: Geografia Cultural e Humanista. Corpo. Espaço. Relação Sujeito-Objeto. Ser-no-mundo.

ABSTRACT

Among the many authors through which bridges are built between geography and phenomenology, there is Maurice Merleau-Ponty. Through the various statements contained in the works of Merleau-Ponty, in particular, those that indicate the notion of subject as a embodied consciousness, several potentialities of geographic research arise. Our proposal is, at first, to trace in depth the discussion of issues involving the body, space and intentionality from the perspectives enunciated by the author. In a second step, to highlight geographic researches already carried out those are based on the phenomenology of Merleau-Ponty. To do this, we selected the book "Phenomenology of Perception" to be discussed in the first moment of the article. To trace the discussions of the second moment of the proposal, we will use searches on the CAPES Journal Portal, on the Scielo platform and on the Google Scholar platform and, thus, present the potential for geographic research.

Keywords: Cultural and Humanist Geography. Body. Space. Subject-Object Relationship. Being-in-the-world.

¹ Mestre em Geografia. Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. leonardoberteo@gmail.com.

² Professor Doutor do Departamento de Geociências. Universidade Federal de Santa Maria. benpinos@gmail.com.

✉ Avenida Roraima, 1000, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul. 97105-900.

INTRODUÇÃO

Logo no prefácio do livro “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty (2018, p. 1) nos diz o seguinte: “Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’”. Tal afirmação indica exatamente o que há de mais relevante na fenomenologia e, em especial na obra de Merleau-Ponty, que é o enfoque na experiência concreta das pessoas-corpos conformada pela vida cotidiana. Mas o que isso significa de fato? O que isso nos indica enquanto pesquisadoras/es da Geografia? Pensamos que o que é apontado por Dardel (2015), acerca de uma Geografia produzida em ato, seja o caminho mais compreensível para entendermos essa afirmação de Merleau-Ponty (2018), em função de que ambas indicam algo semelhante: as implicações existenciais que ocorrem na relação ser humano x mundo, isto é, nós somos **no e com** nosso mundo, compreendemos nossa existência apenas a partir do mundo que estamos inseridos.

Sendo assim, a proposta do presente artigo é evidenciar as potencialidades que a indicação de “repor as essências na existência” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 1) traz para as pesquisas na Geografia, em especial na Geografia Humanista. Nesse sentido, o artigo está dividido em dois momentos: o primeiro pelo qual abordaremos o livro “Fenomenologia da Percepção”, para discutir os diferentes entrelaçamentos teóricos que existem nessa obra e ressaltar o que há de mais relevante para a Geografia; o segundo momento serviu para discutirmos as potencialidades que apareceram em textos de diferentes autoras e autores brasileiros que tiveram como base o pensamento de Merleau-Ponty.

Nossa intenção é fazer recortes e aprofundar discussões sobre as ideias importantes contidas na obra de Merleau-Ponty (2018), no sentido de torná-las centrais para as pesquisas que se ocupam das interpretações que as pessoas comuns têm de seus espaços diretos de experiências cotidianas, no sentido de fazer destas interpretações dados geográficos os mais próximos possíveis da realidade vivida.

DISCUSSÕES E CONCEITOS CENTRAIS DA OBRA “FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO”

Nesta primeira seção serão levantados os principais pontos da obra “Fenomenologia da Percepção” de Merleau-Ponty (2018). Para fins de maior organicidade dividiremos a seção em quatro momentos: 1) crítica ao intelectualismo e empirismo: o que é criticado e por quê?; 2) a centralidade de corpo, do movimento e do espaço; 3) o “novo” mundo vivido: o sentir, o espaço, a coisa e o Outro; e, 4) o ser-no-mundo. No início de seu texto, Merleau-Ponty (2018, p. 23) trata sobre as duas correntes “hegemônicas” da compreensão da percepção e do conhecimento humanos: o intelectualismo e o empirismo. O autor nos diz o seguinte:

Iniciando o estudo da percepção, encontramos na linguagem a noção de sensação, que parece imediata e clara: eu sinto o vermelho, o azul, o quente, o frio. Todavia, vamos ver que ela é a mais confusa que existe, e que, por tê-la admitido, as análises clássicas deixaram escapar o fenômeno da percepção (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 23).

Este curto excerto nos indica como os clássicos compreendem a sensação e como isso está relacionado à forma, ou como ao sentir, ou ao observar, na realidade empírica, determinamos a qualidade (indicamos o que é) da forma que aparece (nominamos pela

linguagem). Neste ponto, vale especificar quem são estes clássicos aos quais o autor se refere, em especial ao pensamento científico: são as contribuições de Descartes e Kant e de outros filósofos que empreendem um propósito científico de explicação dos fenômenos por suas manifestações, ou seja, como algo independente da própria experiência e do pensamento entre e em relação a eles, pelo qual a crítica se estabelece por empreender um fazer científico pautado pelas separações entre sujeitos e objetos, bem como por separações como mente e corpo.

Para o autor, a problemática é em respeito ao entendimento de que a sensação é o resultado de um estímulo recebido pelos “sentidos” do corpo e estes estímulos seriam inerentes ao próprio objeto. No entanto, o objeto é tornado uma realidade incontestável no sentido do seu existir em si-mesmo e que determina o que se sente por esta realidade determinada. Por outro lado, o sentir (ou o observar) e o trabalho de interpretação dessa observação estão nas relações entre objeto e observador, que são mediadas pela consciência sobre o objeto. A consciência do objeto, por sua vez, também está entrelaçada com a linguagem e pelo posicionamento dela na constituição coletiva (cultura e linguagem, além das explicações científicas sobre) que qualifica e explica o objeto. Vemos que, neste debate, o objeto parece que existe por si só, mas também ele existe porque nossa consciência que institui sua existência.

Por outro lado, os objetos são aparições, que podem ser diferentes de suas manifestações, pois são ocorrências da percepção e do trabalho de consciência sobre ele, dado por aquele/a que entra em contato (o aparecimento para si) e de como este aparecimento é significado (interpretado), tento como complexo as interferências da cultura, da linguagem e das significações coletivas que o explicam (passaríamos do objeto em si para si). Há, aqui, tanto a

multiplicidade de interpretações trazidas pelas fugazes percepções que se tem do objeto quando aparece à consciência (aquilo que é próprio da relação entre objeto e observador, ou aquele que sente sua ocorrência), mas também todas as multiplicidades de interpretações já produzidas coletivamente que determinada o que seja o objeto em si (como se supostamente mantivesse uma dinâmica independente de nós e, pela qual, fosse sua própria explicação).

Neste ponto, Merleau-Ponty (2018) nos traz diferentes mecanismos pelos quais os clássicos explicam e justificam essa compreensão acerca da sensação como a “associação” ou a “atenção”. Isso é importante para fazer a crítica às pesquisas em Geografia, ou seja, o que está escrito como resultados das pesquisas que querem explicar os espaços? São efetivamente as realidades espaciais ou são determinações de um “olhar” que, ao mesmo tempo, é mediado pelo cientista geógrafo/a que observa, mas também que o traduz à luz de pressupostos coletivos de uma linguagem científica que cria uma realidade viável a esta linguagem? Vejam que existe aqui uma tríade de problema que geógrafas e geógrafos devem levar em conta: a realidade vivida por aqueles/as que a vivem e que não fazemos (de certa forma) parte como cientistas; a mediação de nossa consciência pessoal e cognitiva, que observa e que quer traduzir tal realidade; as mediações coletivas do universo conceitual e metodológico da ciência com que fazemos parte. Sobre tais mecanismos Merleau-Ponty (2018, p. 40, destaques no original) traz a seguinte contribuição:

As pretensas condições da percepção só se tornaram anteriores à própria percepção quando, em lugar de descrever o fenômeno como primeira abertura ao projeto, nós supomos em torno dele um meio onde já estejam inscritas todas as explicitações e todas as confrontações que a percepção analítica obterá, onde estejam justificadas todas as normas da percepção efetiva – um lugar da verdade, um **mundo**. Ao fazer isso, nós subtraímos à percepção

A fenomenologia de Merleau-Ponty e as potencialidades teóricas e metodológicas para as pesquisas em geografia
Leonardo Berté Nunes, Benhur Pinós da Costa

a sua função essencial, que é a de fundar ou de inaugurar o conhecimento, e a vemos através de seus resultados. Se nós nos atemos aos fenômenos, a unidade da coisa na percepção não é construída por associação, mas condição da associação, ela precede os confrontos que a verificam e a determinam, ela precede a si mesma.

Na citação acima vemos com maior nitidez a problemática levantada por Merleau-Ponty (2018), ou seja, o entendimento da percepção já está dado, ou seja, não há grandes questões a serem colocadas sobre o ato originário da percepção, mas apenas compreender as qualidades do próprio objeto que são inerentes a ele, sem a interferência da pessoa que percebe. Sobre as coisas, fenômenos e eventos do mundo existem suas identidades produzidas coletivamente, pela linguagem, pela cultura e pela ciência. Isso reduz as realidades as suas identidades e conduz a representação do mundo a algo fixo, extirpando a múltiplas possibilidades sobre suas experiências. O mundo não é somente este/aquele das significações (sobre), produzidas como atreladas as instituições simbólicas que determinam para nós o que seja o objeto que observamos e que sentimos: também o é, mas há uma multiplicidade contestadora além dessa universalização significativa.

O problema aqui é esta multiplicidade que nos coloca, como geógrafas e geógrafos, como agentes que explicam e que formam esta as realidades espaciais do mundo: o que produzidos de fato? Tornamos o mundo resultado de nossa mediação consciente pessoal sobre? Até que ponto o mundo que nos aparece (e aparece em nossos trabalhos) é o mundo daqueles e daquelas que a vivem e experimento? E se for este, como este mundo é mediado individual e coletivamente pelas percepções individuais, mas também pelas linguagens coletivas, daqueles que a vivem? Neste ponto, acerca dos questionamentos que tais proposições geram para a Geografia,

imaginemos a situação de um trabalho de campo de geomorfologia: estudantes e docentes chegam no local escolhido para a realização e são postos em um processo de observação do local e é possível que o professor diga para estes estudantes “associarem” aquilo que estão observando com determinados processos geomorfológicos estudados na sala de aula da universidade. O que seria esta associação? Vejamos o que Merleau-Ponty (2018, p. 42) nos diz sobre:

Portanto a associação nunca funciona como uma força autônoma; nunca é a palavra proposta que, como causa eficiente, “induz” a resposta, ela só age tornando uma intenção de reprodução provável ou tentadora, só opera em virtude do sentido que adquiriu no contexto da experiência antiga e sugerindo o recurso a essa experiência, ela é eficaz na medida em que o sujeito a reconhece, a apreende sob o aspecto ou sob a fisionomia do passado. Se enfim se quisesse fazer intervir em lugar da simples contiguidade, a associação por semelhança, ver-se-ia ainda que, para evocar a imagem antiga à qual ela se assemelha, a percepção presente dever ser posta em forma, de maneira a tornar capaz de trazer essa semelhança.

Sendo assim, compreendemos a problemática levantada por Merleau-Ponty (2018) acerca da noção de associação da seguinte forma: a associação que o professor requisitou é mal-entendida desde o início uma vez que se entende que as/os estudantes associaram de forma plena e direta o local ao processo geomorfológico. A associação mal-entendida seria a explicação pela qual as/os estudantes relacionaram uma coisa à outra quando, na verdade, ao avaliarmos isto, numa perspectiva fenomenológica, percebemos que as duas experiências, uma no passado e outra no presente, é que possibilitaram que qualquer forma de associação seja feita, ou seja, primeiro se conforma a experiência presente, que por sua vez retoma determinada experiência anterior e, a partir disso, ambas experiências se fundem

no presente. O trabalho científico positivista aqui é acoplar um conhecimento sobre a uma experiência sobre, pelo qual o presente da experiência tem muitas outras interferências de percepção e interpretação vem contribuir.

Assim, temos o motivo pelo qual Merleau-Ponty (2018) fala que os clássicos veem a percepção através dos seus resultados e não como o ato originário de todo conhecimento. Nesse sentido, Merleau-Ponty (2018) nos indica o entendimento fenomenológico da sua obra acerca da percepção e da sensação, isto é, a reposição da “essência da percepção” na existência dos sujeitos, nos quais ocorrem a percepção. Ainda acerca dessa questão, Merleau-Ponty (2018, p. 83) salienta o seguinte:

O “sentir” voltou a ser uma questão para nós. O empirismo o esvaziara de todo mistério, reconduzindo-o à posse de uma qualidade. Só o pudera fazer distanciando-se muito da acepção comum. Entre sentir e conhecer, a experiência comum estabelece uma diferença que não é a existente entre qualidade conceito. Esta rica noção do sentir encontra-se ainda no uso romântico e, por exemplo, em Herder. Designa uma experiência em que não nos são dadas qualidades “mortas”, mas propriedades ativas. Uma roda de madeira posta no chão não é, para a visão, aquilo que é uma roda carregando um peso.

Vemos, portanto, que a compreensão fenomenológica de Merleau-Ponty (2018) acerca da percepção e do sentir, os insere na existência dos sujeitos postos em contato com o mundo e rejeita inteiramente o entendimento clássico de que as qualidades seriam dadas pelo próprio objeto (daqui advém à ideia de qualidades “mortas”) e, por sua vez, não teriam relação alguma com a pessoa-corpo que percebe em seu movimento de existência. A isso se pressupõe que exista uma qualidade dada do/pelo próprio objeto que, na verdade, não o é, mas uma qualidade dada por um discurso que se tornou válido

como ciência. Isso não é somente científico, pois a realidade dada se torna válida, também, pelas significações coletivas da cultura e da linguagem e nem sempre elas conduzem nossas realizações significativas com o mundo: há contestações diversas. Então, o objeto que nos aparece é atributo de nossas “consciências sobre” e tais consciências podem ser mediadas por nossas inserções representativas apreendidas dele, coletiva e institucionalmente falando.

Por outro lado, nós somos e estamos além destas mediações e interpretamos nossas relações com as coisas do mundo em relação a nós mesmos. Estabelecemos um complexo de significações que partem de cada um/a de nós ao coletivo e ao objeto, em que este objeto volta a nós (o para-si) como significado dado por nossas singularidades. Ademais, Merleau-Ponty (2018) insere no sentir e no perceber uma cinestesia que lhe é única: não há percepção que se faça de forma isolada, “atentando” para um único objeto, mas imersa na relação primária da pessoa com e no mundo. Tal crítica aponta para a própria produção do conhecimento sobre as coisas e fenômenos, na relação com aquele/aquela que observa. Existe, então, uma crítica ao fazer científico, que o coloca como um fazer de conhecimento em igual valor como aquele produzido na vida comum de todas as pessoas, ou seja, existe a instituição do “conhecimento sobre” que se dá pela imbricação e intimidade entre aquele/a que observa, em quais perspectivas observa e por quais conhecimentos já mantidos torna explicável o observado.

O fato que a fenomenologia rompe com este tipo de empreendimento científico e alega que toda relação é uma relação de consciência sobre, dada na experiência, ou seja, é um complexo de conhecimentos estabelecidos pelos contatos entre seres e fenômenos trazidos à experiência daquele que se põe a dizer o que experimentou. Isso ocorre com qualquer pessoa e as mediações poderão ser diversas: tanto aquelas mediações das teorias e métodos

científicos, quando as mediações das linguagens e culturas comuns em que diferentes pessoas estão impregnadas em seus cotidianos. Há aqui uma relação entre cognições que se estabelecem nos atos de contatos entre seres diversos desse mundo, nos quais elas se dão pelas experiências sensíveis das várias percepções que instituíram tomadas de conhecimentos “sobre”. Dessa forma, é importante, como crítica fenomenológica, o retornar a tais experiências, em que as pessoas e seus corpos estão situados e por diferentes percepções estabelecidas instituem as tomadas de conhecimentos sobre as coisas do mundo. O conhecimento, então, se dá pela experiência, em que existe um corpo, um movimento e situações em que as coisas são percebidas e como são percebidas também atreladas aos conhecimentos postos pelas pessoas que observam a realidade. As relações entre corpo, movimento e espaço em Merleau-Ponty são fundamentais para o entendimento de “sua fenomenologia”. Entendemos como pertinente iniciarmos essa discussão através do seguinte trecho:

É preciso que reencontremos a origem do objeto no próprio coração de nossa experiência, que descrevamos a aparição do ser e compreendamos como paradoxalmente há para nós, o em si. Não querendo prejudicar nada, tomamos ao pé da letra o pensamento objetivo e não lhe colocaremos questões que ele próprio não se coloca. [...] Vamos então considerá-lo como operando na constituição do nosso corpo como um objeto já que este é um momento decisivo da gênese do mundo objetivo. Ver-se-á que o corpo próprio se furta, na própria ciência, ao tratamento que a ele se quer impor. E, como a gênese do corpo objetivo é apenas um momento na constituição do objeto, o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam com seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 109-110).

Através desse trecho é possível perceber questões pertinentes para a continuidade da discussão, pois evidencia o corpo

enquanto um “determinante” na percepção ao ser a forma de inserção do sujeito no e com o mundo. Além disso, indica uma diferença entre um corpo próprio e um corpo entendido através do pensamento objetivo, isto é aquele pensamento que se funda após a própria percepção, aliás que se funda sobre pressupostos ideais. Isso se “mascara” como “objetivo” e serve para evitar o conhecimento “originário” da experiência, separando sujeito e objeto, na busca da possível neutralidade científica. Acerca do entendimento do corpo em Merleau-Ponty (2018, p. 147) vemos a seguinte afirmação: “Quando digo que um objeto está sobre a mesa, sempre me situo em pensamento na mesa ou no objeto, e aplico a eles uma categoria que em princípio convém à relação entre meu corpo e objetos exteriores”. Assim, nosso corpo é a base e o princípio de toda percepção, isso ocorre porque somos nosso corpo, e assim nos inserimos e entendemos o mundo. Nossa experiência do mundo se dá totalmente vinculada ao nosso corpo e com ele. Entretanto, não é apenas o corpo por si só que possibilita a experiência e a compreensão do espaço, mas um conjunto indissociável entre corpo e movimento e, nesse conjunto, está inserida a intencionalidade. Inicialmente falemos da intencionalidade em Merleau-Ponty (2018, p. 118-119) através do seguinte trecho:

Na realidade, os próprios reflexos nunca são processos cegos: eles se ajustam a um “sentido” da situação, exprimem nossa orientação para um “meio de comportamento” tanto quanto a ação do “meio geográfico” sobre nós. Eles desenharam, à distância, a estrutura do objeto, sem esperar suas estimulações pontuais. É essa presença global da situação que dá um sentido aos estímulos parciais e que os faz contar, valer ou existir para o organismo. O reflexo não resulta de estímulos objetivos, ele se volta para eles, investe-os de um sentido que elas não receberam

um a um e como agentes físicos, que eles têm apenas enquanto situação.

Este excerto nos auxilia a compreender a questão da intencionalidade em Merleau-Ponty (2018), pois o autor nos indica a intencionalidade como uma operação no nível do corpo e se que funde com a própria experiência. Como uma das “origens” da experiência, a intencionalidade ocorre com ela na realização dos atos corporais conscientes. Assim, a intencionalidade é aquela “consciência de” ou “consciência sobre”, que mencionamos há pouco, como uma operação que ocorre na pessoa-corpo através da qual reconhece, relaciona e direciona seu movimento da existência. Se for através de atos corporais conscientes que a intencionalidade se manifesta, podemos dizer que há uma relação intrínseca entre ela e o movimento para conformar diferentes espacialidades. Vejamos mais um trecho de Merleau-Ponty (2018, p. 192):

Enfim, esses esclarecimentos nos permitem compreender sem equívoco a motricidade enquanto intencionalidade original. Originariamente a consciência é não um “eu penso”, mas um “eu posso”. Tanto o distúrbio visual, quanto o distúrbio morto de Schn¹ também não pode ser reduzido a um desfalecimento da função geral da representação.

O presente trecho traz maior nitidez sobre a compreensão de Merleau-Ponty (2018) da relação implícita entre corpo, intencionalidade e movimento. Na noção de um mundo pré-objetivo, o movimento é base da intencionalidade e da própria experiência e constituição do conhecimento sobre o mundo. O autor se refere à

¹ Neste ponto, Merleau-Ponty utiliza como um sustentáculo de sua argumentação os distúrbios motores e este caso é um exemplo ao mencionar um caso específico de um distúrbio motor de Schneider (Schn. na citação acima).

consciência em seu “estado original” como um “eu posso” que é sobre essa relação do movimento, do corpo e da intencionalidade, ou seja, a consciência e o conhecimento pré-objetivos são aqueles que não são diretamente pensados, mas praticados ou, talvez, vividos. Sendo assim, o “eu posso” da consciência é o que não “pensamos” sobre o mundo tal como a ciência entende o pensar, mas pelo qual “podemos” ter acesso ao mundo e experienciá-lo. Outra questão da relação entre corpo e movimento é seu “deságue” no espaço, ou seja, existe uma “conformação de espaços” a partir da realização do movimento pela pessoa-corpo. Tendo em vista isso, o autor nos indica na citação acima que o movimento e o espaço se entrelaçam na experiência. Acerca disso, Merleau-Ponty (2018, p. 197) nos indica a relação corpo-movimento-espaço no seguinte trecho:

Já a motricidade, considerada no seu estado puro, possui o poder elementar de dar um sentido. Mesmo se a seguir, o pensamento e a percepção do espaço se libertem da motricidade e do ser no espaço, para que possamos representar-nos o espaço é preciso primeiramente que tenhamos sido introduzidos nele por nosso corpo, e que ele nos tenha dado o primeiro modelo de transposições, das equivalências, das identificações que fazem do espaço um sistema objetivo e permitem à nossa experiência ser uma experiência de objetos, abrir-se a um “eu sei”. A motricidade é a esfera primária em que em primeiro lugar se engendra o sentido de todas as significações no domínio do espaço representado.

Nesse sentido, temos na motricidade não apenas a intencionalidade originária, mas o ente que dá sentido, que permite a própria noção e a compreensão das significações que existem nesse espaço. E, assim, vemos o porquê da crítica de Merleau-Ponty (2018) aos clássicos, pois estes não levam em consideração o mundo pré-objetivo. Tal noção se refere à experiência cotidiana que institui o entendimento originário

A fenomenologia de Merleau-Ponty e as potencialidades teóricas e metodológicas para as pesquisas em geografia
Leonardo Berté Nunes, Benhur Pinós da Costa

sobre o vivido pelas conformações de intencionalidades que o corpo e o movimento possibilitam para o conhecimento sobre o espaço. Na outra ponta, o conhecimento científico termina analisando apenas os resultados dessa relação. Acerca da conformação do espaço e da espacialidade em Merleau-Ponty (2018, p. 205) é válido trazermos a seguinte citação:

A experiência revela sob o espaço objetivo, no qual finalmente o corpo toma lugar, uma espacialidade primordial da qual a primeira é apenas o invólucro e que se confunde com o próprio ser do corpo. Ser corpo, nós o vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço.

Sendo assim, percebemos que além do corpo e do movimento “desaguarem” no espaço, o próprio espaço engendra o Ser na medida em que é o meio no qual a existência ocorre e as experiências são “produzidas”, logo tal relação não é uma via de mão única, mas sim um “ciclo aberto” de entrelaçamentos entre o Ser e o Espaço. É importante frisar que o espaço não existe como algo à parte dessa relação, pois ele é instituído na relação da pessoa-corpo em seus movimentos, experiências e relações: isso é a crítica fundamental à Geografia, ou seja, o espaço são nossas relações e não algo pelo qual se dá ou as comporta em sua existência em si. Ao continuar sua obra, Merleau-Ponty (2018) traz a noção de mundo percebido como aquele mundo pré-objetivo, o mundo anterior a qualquer definição da ciência ou mesmo da filosofia, que se centra na nossa experiência com e no mundo. Mesmo que este mundo percebido seja impregnado pelos conceitos científicos, filosóficos e culturais, não somos regidos por eles. Por exemplo, algumas áreas da ciência como a Geografia explicam porque o céu é azul e porque fica escuro à noite, mas tais explicações não dão conta do perceber o céu azul, ou seja, não dão

conta da experiência do céu diurno e do céu noturno. É essa a tentativa de Merleau-Ponty ao dar maior nitidez ao mundo percebido. Ao iniciar tal discussão, o autor já nos indica a presença fundamental do corpo para a constituição desse mundo percebido como no seguinte trecho:

O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o, alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema. Quando caminho em meu apartamento, os diferentes aspectos sob os quais ele se apresenta a mim não poderia aparecer-me como os perfis de uma mesma coisa se eu não soubesse que cada um deles representa o apartamento visto daqui ou visto dali, se eu não tivesse consciência de meu próprio movimento e de meu corpo como idêntico através das fases desse movimento (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 273).

Aqui podemos ver a indivisibilidade entre o sujeito-corpo e o mundo que habita: ambos são entes de um mesmo sistema e não há como pensar um sem o outro. Dessa forma, Merleau-Ponty (2018, p. 286) “ressignifica” o sentir tendo em vista a relação intrínseca entre corpo e mundo, tal como aparece no seguinte trecho:

Ora, o azul e o vermelho não são esta experiência indizível que eu vivo quando coincido com eles, a mesa ou a cadeira não são esta aparência efêmera à disposição do meu olhar; o objeto só se determina como ser identificável através de uma série aberta de experiências possíveis, e só existe para um sujeito que opera essa identificação. É assim que o espírito se torna o sujeito da percepção e que a noção de “sentidos” se torna impensável.

A citação sintetiza o entendimento acerca dos “sentidos” enquanto entes da experiência que operam junto ao movimento da própria existência e da intencionalidade e não como partes separadas e autônomas que recebem estímulos externos de forma indefinida. O que ocorre é que o todo se condensa e se mescla na experiência

e que com ela atribui os significados do mundo percebido. Sendo assim, é necessário trazeremos um trecho que nos revela uma compreensão de espaço articulada com tal discussão. A necessidade advém da noção comumente presente na ciência geográfica acerca do espaço, isto é, um espaço produzido externamente aos sujeitos que parece ser ele próprio um Ser. Por sua vez, Merleau-Ponty (2018, p. 328) nos indica o seguinte acerca do espaço:

O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas é possível. Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhes seja comum, devemos pensá-lo como a potência universal de todas as conexões. Portanto, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como ambiente das coisas ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retomo o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra, e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte, passo do espaço espacializado ao espaço espacializante.

Neste sentido, há uma perturbação da forma como o espaço é comumente abordado na ciência, isto é, o espaço como um ente reificado e transformado em Ser deixando de ser um meio relacional de “todas as coisas”. Entretanto, na mesma citação, também há a abertura de novos caminhos para a compreensão acerca da relação entre sujeitos e espaço: é o meio formado a partir da experiência dos sujeitos posicionados no mundo perfazendo diferentes espacialidades. Se os sujeitos são fundamentais para perfazer o espaço, temos a possibilidade de estudar, com maior profundidade, a relação entre os sujeitos e o espaço que perfazem. Ou seja, compreender como os sujeitos produzem suas geografias nas experiências concretas. Entretanto, a conformação do mundo dos sujeitos não se dá apenas

a partir das consciências corporificadas, mas, ao habitar esse mundo como esse sujeito-corpo, logo existe coisas nesse mundo que não são o sujeito-corpo, mas que são abarcadas por ele. Merleau-Ponty (2018, p. 438) fala o seguinte sobre a coisa:

Portanto, uma coisa não é efetivamente dada na percepção, ela é interiormente retomada por nós, reconstituída e vivida por nós enquanto é ligada a um mundo do qual trazemos conosco as estruturas fundamentais, e do qual ela não é menos transcendente a nossa vida porque o corpo humano, com seus hábitos que desenham em torno de si uma circunvizinhança humana, é atravessado por um movimento em direção ao próprio mundo.

Dessa forma, a coisa ao mesmo tempo em que é “externa” ao sujeito-corpo também é englobada por ele e inserida no mundo que o sujeito conforma no próprio movimento da sua existência. Sendo assim, não há uma separação real entre o sujeito e as coisas que estão no mundo, mas a existência de um sistema complexo produzido na experiência, em que o que é “externo” também o é, mas afetado e afetante de nossa consciência sobre. Ainda sobre esta questão, há comumente uma separação entre coisa natural e coisa humana que nos leva a questão da ocorrência de um mundo cultural. Sobre isso, Merleau-Ponty (2018, p. 465) nos mostra o seguinte:

Assim como a natureza penetra até o centro da minha vida pessoal e entrelaça-se a ela, os comportamentos também descem da natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural. Não tenho apenas um mundo físico, não vivo somente no ambiente de terra, água e ar, tenho em torno de mim estradas, plantações, povoados, ruas, igrejas, utensílios, uma sineta, uma colher, um cachimbo. Cada um desses objetos traz implicitamente a marca da ação humana à qual ela serve. Cada um emite uma atmosfera de humanidade que pode ser muito pouco determinada [...]. A civilização da qual participo existe para mim com evidência nos utensílios que ela se fornece.

Neste trecho temos duas questões muito relevantes para apontarmos, especialmente enquanto geógrafas/os/es. A primeira diz respeito ao que falávamos anteriormente acerca “da coisa” e a segunda acerca de um mundo cultural e do caráter simbólico da existência. A primeira questão acerca do mundo natural apenas reforça que a “Natureza” não está distante de nossas consciências como algo já dado, mas é abarcada pelo sujeito na sua experiência. Entretanto, tal questão “deságua” no mundo cultural, tendo em vista que a experiência do sujeito também é assim mediada. Sendo assim, a segunda questão nos mostra que o mundo cultural e o simbólico só são evidenciados na experiência concreta dos sujeitos e perfazem seus sentidos e significados nessa experiência. O mundo cultural traz à tona outra questão importante como seu desdobramento imediato: o Outro/em. Sobre o Outro/em, Merleau-Ponty (2018, p. 484-485) nos indica o seguinte:

Em seu retiro reflexivo, o filósofo não pode deixar de arrastar os outros porque, na obscuridade do mundo, aprendeu para sempre a tratá-los como consortes, e porque toda sua ciência está construída sobre este dado de opinião. A subjetividade transcendental é uma subjetividade revelada, saber para si e para outrem, e a este título ela é uma intersubjetividade. [...] quando digo que vejo que o cinzeiro está ali, suponho acabado um desenvolvimento da experiência que iria ao infinito, envolvo todo um porvir perceptivo. Da mesma maneira quando digo que conheço alguém e que o amo, para além de suas qualidades eu viso um fundo inesgotável que um dia pode fazer estilhaçar a imagem que me faço desta pessoa. É a este preço que existem para nós as coisas e os “outros”, não por uma ilusão, mas por um ato violento que é a própria percepção.

Sendo assim, o presente trecho nos mostra duas questões de suma importância: a primeira delas é a intersubjetividade e a segunda é o mundo cultural ou social em uma perspectiva pré-objetiva.

A intersubjetividade seria a subjetividade produzida a partir da experiência concreta dos sujeitos-corpos posicionados no mundo, mas não um mundo que é fechado no próprio sujeito, mas um mundo enquanto um sistema complexo que abarca as coisas e os outros. Dessa forma, a intersubjetividade é a maneira pela qual englobamos o outro no nosso mundo pré-objetivo e é neste mundo pré-objetivo que compreendemos, em um primeiro momento, a nossa própria existência e conhecemos, a partir das experiências concretas, diferentes formas de ser e estar no mundo social, assim como se posicionar em relação a ele. Tendo em vista toda a discussão exposta até aqui, chegamos no ponto que necessitamos rever a maneira pela qual o próprio Ser é compreendido:

Como o espírito poderia conhecer o sentido de um signo que ele mesmo não constituiu como significado? À imagem do conhecimento que nós obtínhamos descrevendo o sujeito situado em seu mundo é preciso, parece, substituir uma segunda imagem segundo a qual ele constrói ou constitui este mesmo mundo, e esta é mais autêntica que a outra, já que o comércio do sujeito com as coisas em torno dele só é possível se em primeiro lugar ele as faz sentir para si mesmo [...] (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 495).

Neste excerto podemos verificar duas questões principais. A primeira delas é a retomada sobre a forma comumente utilizada para descrever a relação sujeito/mundo, isto é, aquele sujeito apartado do mundo percebido, fechado em si mesmo, aquele sujeito “que pensa e logo existe” sem precisar se inserir no mundo através do fato de ser uma consciência corporificada para “Ser”. A segunda questão é a proposição que sintetiza o que foi abordado até aqui: não “somos” apenas porque pensamos, mas somos porque habitamos um mundo que também é constituído por esse pensar. Dessa forma, é possível delinear o princípio do entendimento sobre o um “novo”

A fenomenologia de Merleau-Ponty e as potencialidades teóricas e metodológicas para as pesquisas em geografia
Leonardo Berté Nunes, Benhur Pinós da Costa

Ser, isto é, de um Ser que só o é com e no mundo. A ideia sobre um “novo entendimento” considera que a discussão fenomenológica não busca “ser uma nova teoria”, mas reconduzir o entendimento da pessoa comum na experiência sobre seu mundo de onde o intelectualismo e o empirismo o deixaram, isto é, fora da existência “concreta”. Neste sentido, temos o seguinte:

Em outros termos, seria preciso, que eu deixasse de ser eu mesmo, para me tornar um puro conhecedor de mim mesmo, e que o mundo tivesse deixado de existir em torno de mim para se tornar um puro objeto diante de mim, Em relação aquilo que somos pelo fato de nossas aquisições e deste mundo preexistente, temos um poder suspensivo, e isso basta para que não sejamos determinados. Posso fechar os olhos, tapar os ouvidos, mas não posso deixar de ver, nem que seja o negro dos meus olhos e, de ouvir, nem que seja este silêncio (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 529).

O entendimento sobre o próprio conhecer e sobre o Ser mudam: o *cogito* se altera. Não é mais o sujeito pensante fechado em seu mundo que determina a própria existência a partir do ato de pensar, mas um sujeito inerente ao mundo e que com ele constrói a sua existência e tudo que a permeia. Dessa forma, tal como o autor fala, “não somos determinados”, pois nem nosso pensamento nem mesmo o mundo que habitamos “determina” nossa forma de ser com ele, pois, por mais que sempre seremos com ele, esta existência pode ser voltada para a contestação desse mundo. Ao continuar a discussão, Merleau-Ponty traz outro elemento: a relação entre o Ser e o Tempo através da perspectiva fenomenológica. Nesse sentido, o autor nos diz o seguinte:

Não é o passado que empurra o presente nem o presente que empurra o futuro para o ser; o porvir não é preparado atrás do observador, ele se premedita em frente e ele, como uma

tempestade no horizonte. Se o observador, situado em um barco, segue a corrente, pode-se dizer que com a corrente ele desce em direção ao seu porvir [...] e o curso do tempo não é mais rápido que o riacho: ele é o próprio desenrolar das paisagens para o observador em movimento. Ele [o tempo] nasce de minha relação com as coisas (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 551).

Este trecho nos releva duas questões principais: a primeira é a relação entre “passado, presente e futuro” na experiência e a segunda é a “constituição” do tempo. A relação entre os três momentos do tempo (o passado, o presente e o futuro) não são estanques ou momentos que se sucedem de forma individual e demarcada. O passado só o é porque precede a experiência atual, mas está posto nela, ou seja, ele precede o presente e se afirma enquanto algo que passou apenas porque existe a experiência presente e atual. Já o futuro não é apenas o que há depois, mas que já está posto na experiência do agora, isto é, algo que já se anuncia. É relevante de pontuar que, tal como o espaço, a maneira pela qual o tempo é entendido e vivenciado pelos sujeitos não diz respeito a algo externo a ele mesmo, mas constituído na relação do Ser em seu mundo. Mesmo se falássemos da História, no sentido de uma história das sociedades humanas, ainda estaremos falando de um tempo que é vivenciado pelos sujeitos ao longo dessa História. Por mais que a História seja compreendida como uma narrativa de um tempo na escala de processos sociais, ela sempre contará com as diferentes experiências dos sujeitos posicionados e situados ao longo desses processos. Tendo em vista tal discussão, chegamos à questão do Ser-no-mundo e sobre isso Merleau-Ponty (2018, p. 576) salienta o seguinte:

O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece “subjetivo”, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito. Portanto, com o

A fenomenologia de Merleau-Ponty e as potencialidades teóricas e metodológicas para as pesquisas em geografia

Leonardo Berté Nunes, Benhur Pinós da Costa

mundo enquanto berço das significações, sentido de todos os sentidos e solo de todos os pensamentos, nós descobrimos o meio de ultrapassar a alternativa entre realismo e idealismo, acaso e razão absoluta, não-sentido e sentido.

Entendemos, portanto, que o sujeito enquanto uma consciência-corpo só é um Ser por ser no e com o mundo. Não podemos pensar no sujeito sem o mundo que ele habita e fora dele ou fechado em um mundo subjetivo ou ideal (das explicações fora dele) à parte. Dessa forma, podemos retomar a afirmação do início acerca de “repor as essências na existência” (neste ponto entendem-se as essências como aquilo que é e como é para nós antes de qualquer tematização discursiva): a existência só é reconhecida como tal pelo ser-no-mundo, pois não há um Ser que não implique diretamente em um mundo, assim, todas as essências só podem ser entendidas ao analisarmos as experiências concretas das pessoas.

ESTUDANDO MERLEAU-PONTY NAS OBRAS DE OUTROS AUTORES BRASILEIROS

O presente artigo tem como objetivo discutir as potencialidades que a obra de Merleau-Ponty oferece para as pesquisas geográficas. Nesse sentido, a partir da discussão feita anteriormente, acerca do livro “Fenomenologia da Percepção”, buscamos em bancos de dados de produções científicas artigos acadêmicos da Geografia que tenham por base Merleau-Ponty (2018). Dessa forma, podemos dizer que é uma pesquisa de cunho bibliográfico. Entretanto, nosso objetivo não é contabilizar quantos são os trabalhos acadêmicos que tem por base Merleau-Ponty (2018) ou em quais momentos foram produzidos. O que queremos é produzir uma discussão acerca de como utilizam a obra do autor e, assim, indicar algumas potencialidades

que se abrem para novas pesquisas. Nesse sentido, é relevante que identifiquemos o que é uma pesquisa bibliográfica:

Para uma adequada comprovação de que a pesquisa realizada é uma pesquisa bibliográfica, o pesquisador deve propor um problema de pesquisa e um objetivo que estejam em consonância e que a resposta que será buscada está nos livros, artigos, teses, dissertações e ainda, com o advento da internet, muitos dados poderão ser buscados na rede, ou ainda, a resposta encontrada seja o contrário do que está nos livros e artigos (GARCIA, 2015, p. 293).

Garcia (2015) nos mostra que há uma diferença entre o que é uma pesquisa bibliográfica e o que é uma revisão bibliográfica. Qualquer pesquisa científica demanda uma revisão bibliográfica, ou seja, é preciso ler o que já foi produzido sobre a temática estudada. Já o que construímos aqui se trata de uma pesquisa bibliográfica, ou seja, uma pesquisa realizada a partir de livros, artigos e outros trabalhos acadêmicos com o intuito de responder a um objetivo inicial. Sendo assim, é necessário também estabelecer como que foi feita nossa pesquisa bibliográfica, ou seja, quais procedimentos utilizamos para produzir os dados da pesquisa. Inicialmente, é relevante trazer o que Traina e Traina Jr. (2009, p. 30) dizem sobre a operacionalização de pesquisas bibliográficas:

As pesquisas são feitas segundo contextos específicos, ou seja: por assunto, autores, veículos, período de tempo, e por combinações entre eles. Por isso, embora a pesquisa seja feita usando ferramentas da Web, a busca por bibliografias em geral não usa ferramentas de busca genéricas, como Google ou Yahoo!, mas ferramentas específicas para busca bibliográfica, como descrito a seguir.

Nesse sentido, para uma pesquisa bibliográfica é preciso: 1) escolher os bancos de dados de trabalhos acadêmicos; e, 2) definir

A fenomenologia de Merleau-Ponty e as potencialidades teóricas e metodológicas para as pesquisas em geografia
Leonardo Berté Nunes, Benhur Pinós da Costa

palavras-chave para buscar os trabalhos científicos necessários nesses bancos de dados. Dessa forma, a presente pesquisa utilizou três plataformas: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), o Google Acadêmico e SciELO. Nestas plataformas utilizamos quatro grupos de palavras-chave, cada grupo de palavras-chave está vinculado a um dos quatro momentos da primeira parte deste artigo. Assim, temos: 1) Merleau-Ponty, Relação Sujeito-Objeto, Fenomenologia, Geografia; 2) Merleau-Ponty, Corpo, Fenomenologia, Geografia; 3) Merleau-Ponty, Espaço, Fenomenologia, Geografia; 4) Merleau-Ponty, Ser-no-mundo, Fenomenologia, Geografia. Ademais, é importante frisarmos que os textos escolhidos são os de autores que apareceram em um número maior de vezes nos resultados da busca e dentre os textos desses autores aqueles que se destacaram na discussão da obra de Merleau-Ponty.

Os resultados da busca textual estão divididos em quatro momentos, tendo como base as discussões estabelecidas na primeira parte deste texto e na proposta de metodologia de pesquisa bibliográfica. Cada momento representa um conjunto de dois textos encontrados, que abordam os eixos discutidos acerca do livro "Fenomenologia da Percepção", bem como os grupos de palavras-chave utilizadas para a busca. Assim, nosso primeiro eixo de discussão se trata da crítica de Merleau-Ponty ao pensamento científico e às correntes filosóficas do empirismo e do intelectualismo, em especial na reformulação que o autor propõe para a relação Sujeito-Objeto.

Para esta abordagem, encontramos dois textos: o primeiro deles de autoria de Oliveira e Furlan (2017) que busca sintetizar a crítica de Merleau-Ponty ao pensamento científico "tradicional" (leia-se com influência de Descartes e Kant). Para traçar essa síntese, os autores

iniciam explicando quais as problemáticas encontradas por Merleau-Ponty no pensamento científico "tradicional" e quais são as formas desse pensamento, isto é, explicitam como o pensamento científico inspirado no intelectualismo e no empirismo se estrutura e como compreende a relação entre Sujeito e Objeto. Após isso, os autores apresentam as críticas merleau-pontyanas e a necessidade de um retorno à experiência e ao corpo próprio. Assim, Oliveira e Furlan (2017, p. 98) nos dizem o seguinte:

Percebe-se aí que ambos, empirismo e intelectualismo, partem de uma concepção objetiva de mundo, e diferem apenas na concepção do sujeito. Para o primeiro, o sujeito reduz-se às leis gerais do mundo objetivo, sendo a percepção uma função impessoal (Merleau-Ponty, 1945/1999), enquanto que para o segundo, o mundo objetivo é concebido como constituído por um sujeito pensante autor dessas leis e, portanto, alguém ou externo a elas.

Neste excerto, vemos que os autores corroboram com o que discutimos anteriormente acerca da crítica ao pensamento clássico e científico. Os pensadores empiristas e intelectualistas diferem muito pouco na compreensão do mundo, pois eles desagregam totalmente sujeito e objeto. Aliás, tanto em um como em outro, o sujeito é sempre determinante do objeto, como se eles não integrassem o mesmo mundo, sendo partes separadas mediadas por uma forma de pensamento controlado pelo qual surgiria um novo "sujeito": o método. Neste aspecto, teríamos, então, um sujeito que pensa sobre o objeto que está observando, mas cuja observação deve ser mediada por um pensamento previamente controlado como um outro sujeito à parte da relação, a fim de se combater o "subjetivismo" e se encontrar ou explicar a "natureza" (em-si) do objeto observado. Esta é a primeira contestação da fenomenologia que aparece na obra de Merleau-Ponty.

Como nos mostra Lima (2007), no segundo texto deste eixo, o pensamento geográfico é vinculado a essa compreensão científica tida como “objetiva” ou “racional”. Por exemplo, a paisagem não engloba o sujeito, ela é um objeto a ser observado em sua manifestação “em-si”, pelo qual a natureza dessa manifestação também deve ser captada pelo controle de uma racionalidade “objetificante”. O pensamento científico da racionalidade moderna precisa, então, separar dois entes: aquele que observa e que precisa observar de maneira objetiva, sem interferência da sua intimidade; aquele que é observado e que precisa ser explicado nas manifestações das suas naturezas “objetificadas”.

No entanto, na própria crítica fenomenológica, surge outro “ente” que está “escondido”, e que precisa ser assim porque se produz como neutro e superior a qualquer outro entre e tipo de relação: o método científico. Ao mesmo tempo em que sujeito e objetivo são manifestações em separado em que o sujeito da observação tem o poder de controlar aquilo que observa, o controle precisa escapar de sua subjetividade ou intimidade por um pensamento autônomo e universal: aquele de uma racionalidade científica primordial que, ao mesmo tempo em que separa mundos, os controla em seus anseios de unificação de tudo e de todos (o mundo inteiro ou sua capacidade de produzir igualdades e diferenças em que elas são assim porque o pensamento de globaliza como uma unicidade planetária).

Assim, ao discutir como o pensamento de Merleau-Ponty pode contribuir para análise geográfica da paisagem, Lima (2007) discorre sobre o sentido fenomenológico da experiência, do corpo e do mundo, e apresenta essa crítica ao pensamento geográfico como uma das expressões científicas de empirismo e/ou intelectualismo. O autor pontua que tal perspectiva teórica é limitadora como uma forma de

análise geográfica, pois nos impede de enxergar a multiplicidade de relações da paisagem (e de outras categorias de análise) com o sujeito e com o próprio pesquisador. Uma vez que o pesquisador se engaja na paisagem, ele a apreende, ou seja, ela é percebida nele e ele a significa, em outras palavras, o pensamento “flutua” na experiência da relação em um ato de liberdade pelo qual significados diversos são instituídos.

Tal riqueza de interpretações são atos fundadores de pensamentos que poderiam instituir multiplicidades de conhecimentos se não fossem empobrecidos pela mediação autoritária do método controlado. Não se trata aqui de dizermos que todo estudo da paisagem deve se voltar apenas para uma análise da relação entre o pesquisador e a paisagem (é uma possibilidade necessária), mas que seja considerado que a suposta separação entre sujeito (pesquisador) e objeto (paisagem) inexistente. Acerca dessa crítica ao pensamento científico geográfico, Lima (2007, p. 82) salienta o seguinte:

A paisagem supõe, portanto, um momento em que as variáveis estão mais definidas, o que se comprova pela indiferença e passividade do sujeito. É como se este não intervisse na paisagem a não ser por meio da faculdade perceptiva que a apreende. Todavia no que se refere a um espaço percebido o agente se funde com a paisagem, redimensionando e a desdobrando em múltiplas outras paisagens a cada série de experiências, coexistindo com as sucessivas paisagens que se estendem para além de seu campo perceptivo, ou seja pela paisagem apreendida pelo conjunto de corpos, conforme a variedade de perspectivas cujo horizonte temporal mescla presente, passado e futuro num único enlace de tempo [...].

Temos nesse trecho duas questões importantes para uma crítica do pensamento geográfico. A primeira delas tem a ver com o que já falávamos antes acerca da condição do pesquisador não

A fenomenologia de Merleau-Ponty e as potencialidades teóricas e metodológicas para as pesquisas em geografia
Leonardo Berté Nunes, Benhur Pinós da Costa

se caracterizar como um mero “observador neutro e racional” da paisagem, mas como um sujeito-pesquisador que vivencia a paisagem. A segunda questão vai ao encontro da primeira, o sujeito não “produz” a paisagem, não “deixa marcas na superfície”, ele a vive como um horizonte de possibilidades dentro do mundo que habita. Disso que advém a compreensão geográfica mais habitual.

A paisagem, em uma crítica fenomenológica, não é um objeto para os sujeitos, mas parte de suas experiências concretas, pelos quais ambos se interpelam. Assim, vemos a partir da discussão deste eixo a primeira potencialidade do pensamento de Merleau-Ponty para a Geografia, ou seja, uma possibilidade de repensar o próprio fazer geográfico-científico e torná-lo mais próximo da experiência concreta dos sujeitos em seus mundos vividos. Outra questão fundamental para a fenomenologia merleau-pontyana e para as/os autoras/es que a utilizam é o corpo. A concepção clássica e científica “tradicional” compreende o corpo como um ente objetivo, isto é, nada mais é do que um objeto a ser operado pela consciência (separação mente – corpo) ou ainda talvez fique apenas o “puro pensar” do método científico e da “racionalidade”, sem corpo ou conexão com/no mundo. Como vimos, a Geografia tem sua epistemologia embasada nesse pensamento clássico-científico, portanto, reforça essa separação e desconecta o sujeito corporificado do espaço geográfico.

Se a relação científica se dá pelo controle do método, o que fica é o pensamento mediado por este terceiro ente, em que tanto aquele que pensa como aquele que vivencia corporeamente a experiência da observação é objetificados: ao mesmo tempo em que consciência e corpo são separados (o que seriam as partes controladas “do” observador), também o é separado disso o objeto, a ser controlado pretensamente pelo observador que não “o” faz, o que “se” faz é este terceiro ente subentendido (racionalidade científica pré-concebido

que se acopla no pensamento relacional mediado pelo método), validado como neutro e que se faz social e unicamente válido.

Dessa forma, é relevante que tracemos a discussão acerca da inserção do corpo nos estudos geográficos, mas do corpo fenomenal, um sujeito-corpo que é no/com espaço. Para abordar tal questão, iniciamos com o artigo de Nóbrega (2008). Neste artigo, a autora busca apresentar a compreensão da análise merleau-pontyana acerca da percepção e do entrelace permanente entre mente-corpo-mundo. Ademais, expõe como essa compreensão abre outras possibilidades ao fazer científico, por exemplo, ao apresentar como a fenomenologia tem sido empregada em pesquisas na área da biologia. Tais pesquisas diferem no sentido de utilizarem da inseparabilidade do sujeito corporificado e de seu mundo para discutir alguns fenômenos biológicos. Logo, o que o texto de Nóbrega (2008) nos indica é que a fenomenologia merleau-pontyana empreende outras formas de compreender o conhecimento sobre a realidade. Sobre a centralidade do corpo na produção dos conhecimentos, sentidos e significados do mundo, Nóbrega (2008, p. 142) nos diz o seguinte:

A percepção está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo.

Neste trecho vemos que a autora corrobora entende a percepção como atitude corpórea criadora dos sentidos do mundo. É comum na Geografia, por sua filiação ao pensamento científico “tradicional”,

A fenomenologia de Merleau-Ponty e as potencialidades teóricas e metodológicas para as pesquisas em geografia
Leonardo Berté Nunes, Benhur Pinós da Costa

ignorarmos o corpo como um elemento digno de análise. O corpo (leia-se o sujeito-corpo) é sempre deixado de lado em função de aspectos “mais objetivos”, ou seja, existe um “lugar-comum” do pensamento geográfico de que, ao inserir o sujeito corporificado no entendimento do espaço geográfico, essa análise deixa de ser “objetiva”. Ao contrário disso, no mundo pré-objetivo ou no mundo vivido só compreendemos esse mundo e nossa própria existência em função de nosso corpo estar imbricado, experimentando e se movimentando por ele. Nossa percepção, enquanto atitude originária do conhecimento, só se dá porque nosso corpo (isto é, nós mesmos porque é impossível nos retirarmos do nosso corpo) se conecta com o mundo vivido. Neste sentido, o que buscamos evidenciar com essa questão é a potência que a obra de Merleau-Ponty tem para que possamos compreender a necessária inserção do corpo fenomenal nas análises geográficas. Acerca dessa questão é interessante trazermos o artigo de De Paula (2020), neste texto a autora traça uma reflexão com uma linguagem autobiográfica bem delineada acerca da experiência literária.

Não se trata de uma análise geográfica acerca de determinada obra, por exemplo, analisar o que há de geográfico nos livros do escritor Machado de Assis, mas um olhar sobre a experiência do leitor enquanto uma expressão da sua geograficidade original. Nesse sentido, a autora expõe a interconexão do conceito de Dardel acerca da geograficidade com a fenomenologia merleau-pontyana e nos indica que a literatura só nos afeta porque evoca em nós uma atitude corpórea, ou seja, o leitor só sente e dá um significado à literatura porque essa experiência remete ao mundo vivido. Vejamos o que De Paula (2020, p. 253) nos diz sobre isso:

Diante do que foi pensado até aqui, posso dizer que: se as imagens poéticas que a literatura presentifica são tributárias do

campo de presença (corpo-mundo) do escritor, se o estilo (ao inaugurar uma linguagem falante) é o esforço de que (ainda que esteja no papel) toda a complexidade do campo de presença seja retomado a partir dos sentidos que o atravessam, temos ler e viver as imagens poéticas não se restringe ao “objetivamente” ver. E é justamente no fato que a imagem poética não se restringir (nem na sua criação nem na sua leitura) ao ver que reside o poder da literatura nos trespassar. A imagem poética, apresentada pela linguagem falante, se movimenta para trazer à experiência literária aquilo que o papel impresso tende a reduzir: os sentidos (das coisas, das pessoas, das situações, dos lugares) vividos concretamente, exatamente pela relação corpo-mundo. [...] Quando a literatura nos traga, com suas imagens poéticas, só o faz porque consegue solicitar nosso corpo todo e a relação inalienável dele com o mundo: presentificando assim (sempre) nossa geograficidade.

Como vemos no excerto acima, mesmo atividades como a literatura e a leitura estão impregnadas de uma relação do corpo com o mundo. A literatura só consegue nos tocar porque solicita de nós toda essa condição intrínseca a existência humana, isto é, sua relação corpórea com o mundo expressa em sua geograficidade. Então, mesmo que estejamos sentados em nossas casas lendo um livro sobre uma história que se passa na Barcelona dos anos 1920-1940, as sensações que temos, as emoções que sentimos, a interpretação que fazemos dos fatos, isto é, todos os sentidos que atribuímos a essa história só é possível porque ela convoca do leitor a sua própria relação corpo-mundo. Talvez seja a partir disso que muitas pessoas se referem que sentem uma sensação de “viajar sem sair do lugar” ao ler um livro. Tal como nos mostrou De Paula (2020), de fato viajamos ao ler um livro, nos movemos na nossa própria condição existencial enquanto sujeito corporificado conectado ao mundo. Tal interpretação é semelhante a que Merleau-Ponty (2018) nos mostra acerca da experiência musical: a música nos abarca, ela preenche o

A fenomenologia de Merleau-Ponty e as potencialidades teóricas e metodológicas para as pesquisas em geografia
Leonardo Berté Nunes, Benhur Pinós da Costa

ambiente e evoca outros sentidos, a experiência literária pode ter a mesma potência.

Sendo assim, podemos elencar que a potencialidade do pensamento de Merleau-Ponty para o pensamento geográfico no que diz respeito ao corpo é a inserção, a presença do corpo como “base” da produção de sentidos do mundo (e do espaço vivido), seja essa experiência uma caminhada pela cidade ou a leitura de um livro. Logo, o pensamento de Merleau-Ponty possibilita outras apreensões da própria Geografia por permitir que o sujeito-corpo seja visto não como um “fator” do espaço geográfico, mas a fonte de sua “existência”, significados e possibilidade de mudança. Nesse sentido, chegamos ao terceiro eixo de nossa discussão: o espaço.

Para falar sobre essa questão, iniciamos com o artigo de Nogueira (2013) que versa sobre o conceito de Lugar através de uma perspectiva fenomenológica que toma por base Merleau-Ponty. Nesse texto, a autora busca traçar um paralelo entre o conceito de Lugar e a noção de mundo vivido de Merleau-Ponty. Ao fazer isso, a autora pretende que o Lugar seja compreendido enquanto uma conformação das pessoas no mundo que habitam e vivenciam cotidianamente. Dessa forma, o que a autora nos indica é que o Lugar não seria simplesmente uma localização ou algo genérico como o local em que se vive, mas sim a expressão geográfica de uma atitude existencial primordial com/no mundo. Logo, podemos inferir que a autora pretende nos mostrar que o espaço geográfico (que se transforma em Lugar pelas experiências cotidianas) não se trata apenas da produção científica da Geografia como uma espécie de abstração reificada, mas uma conformação relacional das pessoas entre si e com o mundo. Sobre essa questão, Nogueira (2013, p. 86) salienta o seguinte:

Merleau-Ponty chamou a atenção para a nossa experiência com o mundo, com os lugares, aquela dada na relação intersubjetiva

entre eu e o outro e entre nós e os lugares. Merleau-Ponty nos leva a refletir sobre a experiência do espaço que é dada na relação do meu corpo com o mundo e com os outros a partir da relação intersubjetiva, está posto em evidência o mundo da experiência humana. Seguindo Merleau-Ponty nos aventuramos a dizer que o lugar é o mundo da vida, nele se entrecruzam experiências vividas, percebidas de vários outros lugares.

Comumente, o espaço é compreendido como um objeto “em-si-mesmo”, ou seja, o espaço “existe” tal como o sujeito-corpo que o vivencia, mas independente dessa relação. A partir da perspectiva merleau-pontyana, o espaço é meio constituído nas relações pessoas-mundo. Assim, o espaço é o meio de relações e posições possíveis, enquanto o lugar é o mundo vivido, isto é, aquela “parcela” do espaço que vivenciamos cotidianamente e que relacionamos com outros lugares já experienciados. O Lugar é o espaço que conformamos diariamente. Acerca dessa questão, nos dirigimos para o segundo texto de Malanski e Kozel (2015). Nesse artigo há a produção de uma pesquisa empírica em uma escola estadual do Paraná, no sentido de compreender como a experiência conforma esse espaço escolar. Através de um mapa mental coletivo realizado pelos estudantes da escola, os autores buscaram descrever os significados e materialidades desse espaço escolar.

Uma questão interessante para a presente discussão diz respeito ao espaço quanto um meio de relações que é conformado pelas experiências e pelas intersubjetividades postas em práticas na vivência diária no espaço escolar. Tal espaço pode ter suas normas e regras bem como um modelo arquitetônico próprio, comumente associado a determinadas necessidades sociais, mas a compreensão que parte da experiência concreta dos sujeitos-corpos desse espaço atribui diferentes significados próprios dessas experiências (o que pode

confirmar muitas das problemáticas apontadas por produções com outras perspectivas teórico-metodológicas).

Ademais, o texto aponta para outra questão relevante acerca do espaço: sua representação. Comumente vemos a representação do espaço entendida na Geografia como a representação do “está ali” no espaço, por exemplo: se pensarmos a representação do mesmo espaço escolar que os autores estudaram em outra perspectiva, pensaríamos em produzir um mapa da localização da escola ou mesmo a planta da edificação. Entretanto, embora importantes, tais representações não são capazes de captar o mundo vivido dos sujeitos. Portanto, se consideramos que o espaço é esse meio que se constitui nas relações é necessário pensarmos em formas de representação que permitam irmos além da mera localização ou apresentação das formas. Sobre isso Malanski e Kozel (2015, p. 158) nos dizem o seguinte:

Dotados de informações perceptivas, sensações e imaginações espaciais, as pessoas são capazes de representar a partir de imagens mentais o espaço percebido ou imaginado. Para tanto, representação, conforme Merleau-Ponty (1999), se configura como uma função simbólica e objetivamente dada pela consciência a partir da interação entre a pessoa e o espaço. Assim, ela é responsável por dar significados a algo percebido, representando fenômenos naturais e sociais, para a compreensão de acontecimentos ditos sobrenaturais e, principalmente, para perpetuar a consciência humana do mundo.

Assim, vemos que a representação numa compreensão fenomenológica se trata de uma atividade intrínseca a própria experiência: representamos porque somos sujeitos-corpos com e no espaço. Mas não só representamos essa experiência do/com o espaço através de produtos cartográficos “tradicionais”, mas através uma representação que misture as diferentes experiências

e significações possíveis, a representação de um espaço sob a perspectiva fenomenológica é a representação da multiplicidade das vivências. Dessa forma, a potencialidade do pensamento de Merleau-Ponty para a compreensão do espaço geográfico permite pensar, além de inserir os sujeitos-corpos como “base” do espaço, o espaço geográfico e a própria Geografia como atitudes e expressões existenciais dos seres humanos.

Assim, abre-se também a possibilidade de representarmos esse “nosso” espaço de outra forma, isto é, através de representações cartográficas que contemplem as multiplicidades e diferentes aspectos das experiências. Logo, se compreender a Geografia para além do conhecimento científico produzido, mas também como um conhecimento constituído na vida diária com nossos corpos, chegamos no último eixo de discussão que é a relação entre a Geografia e o conhecimento geográfico como nossa condição de Ser-no-mundo tal como evidenciada por Merleau-Ponty (2018).

Para iniciarmos esse debate encontramos o texto de Serpa (2017). Neste artigo, o autor parte da compreensão merleau-pontyana do Ser-no-mundo enquanto nossa condição enquanto sujeito corporificado para discutir as problemáticas que têm aparecido na utilização de conceitos geográficos como Lugar e Território. De acordo com o autor, há um imobilismo na utilização de ambos os conceitos, pois se cristalizou duas noções estanques acerca deles: Lugar – espaço vivido e Território – espaço do Poder. Assim, o autor argumenta que tais noções estanques não permitem debates mais aprofundados e que permitam à ciência geográfica avançar para compreender ainda mais a realidade.

Dessa forma, argumenta que, tendo em vista a condição inerente a nossa existência enquanto Ser-no-mundo, há uma multiplicidade de possibilidades de como nos relacionarmos e organizarmos o espaço

geográfico. O território, portanto, é tão vivido quanto o lugar e este pode conter relações de poder tanto quanto o território, logo nossa condição de ser-no-mundo permite que ocorram “lugarizações” ou “territorializações” em função dos contextos e das situações nas quais nossas experiências ocorrem. Vejamos o que o autor nos diz sobre isso em Serpa (2017, p. 595):

Espaço e mundo são experiências/conceitos que só se realizam por processos relacionados ao ser-no-mundo, como territorialização ou “lugarização”, de acordo com o que nos propomos a discutir neste ensaio; portanto, territorialização e “lugarização” produzem/criam espaço e mundo. A dialética entre espaço e mundo, por sua vez, encontra sua realização justamente nos processos de “lugarização” e territorialização: ao se territorializar/“lugarizar” se apropriando e criando espaço, o ser-no-mundo também cria “mundos” existenciais próprios e corporificados no espaço e no tempo. Pode-se assim afirmar que a dialética entre espaço-mundo se realiza e define pela dialética entre lugar e território, tomados como experiências do ser-no-mundo, dialética e estreitamente relacionados.

Vemos que o autor vai um pouco além do que havia comentado até então, o lugar e o território não são apenas expressões do ser-no-mundo em sua multiplicidade de aspectos, articulações e transformações, mas são relações que criam formas específicas de se conectar aos outros e ao mundo, “geografizando-se” de forma “lugarizada” e/ou “territorializada”. Assim, o território pode contar o lugar da mesma forma que o lugar pode conter territórios a partir de como os diferentes sujeitos-corpos se posicionam. Nesse sentido, o segundo texto encontrado para compor este eixo é o artigo de Souza Júnior e Almeida (2018) que irá construir uma discussão sobre a categoria de lugar. Para isso, é feita a discussão com base em Merleau-Ponty acerca da experiência, do corpo e do mundo e, assim como Nogueira (2013), aponta que o mundo vivido merleau-pontyano

caminha em direção ao lugar geográfico. Entretanto, tal como Serpa (2017), os autores indicam que o lugar não se trata apenas de uma apreensão afetiva e de pertencimento, mas tendo em vista as múltiplas possibilidades que o mundo vivido oferece.

O lugar é condição primeira do ser-no-mundo e é um sujeito corporificado que o habita, podendo não o experienciá-lo unicamente como algo positivo (lugares agradáveis) ou negativos (lugares desagradáveis), mas por uma variabilidade de sensações e significações complexas que desmancham certos preceitos binários para o explica-lo. O lugar é o mundo vivido, logo, todas as possibilidades e relações que o mundo vivido pode conter. Nesse sentido, vejamos o que os autores nos dizem em Souza Júnior e Almeida (2018, p. 139):

A Terra não é um lugar morto e congelado, porquanto sobre os sujeitos pensam, vivem e projetam intencionalmente sua existência. Ela respira entre sujeitos-lugares, na reversibilidade deste fenômeno relacionado ao habitar. Na inexorabilidade de ser-no-mundo, desta experiência indivisa de contínua re-criação de sentidos e vínculo com o lugar, a dinâmica da geograficidade anima o pulsar geográfico.

Vemos no trecho acima que Souza Júnior e Almeida (2018) corroboram parte do que Serpa (2019) levantou acerca da relação entre ser-no-mundo e lugar. Isso ocorre porque os autores nos indicam que há uma dinâmica, um movimento constante ocorrendo na relação com o lugar. Em uma perspectiva fenomenológica não podem existir conceitos estanques e congelados que consigam dar conta da experiência: nossa compreensão acerca disso deve estar em movimento para que possamos as descrevê-las.

Outra questão relevante que vemos diz respeito à relação com a geograficidade: esta também não é vista como estanque, mas que possui um movimento próprio da relação existencial entre sujeitos

e a Terra. Assim, percebemos que a potencialidade da discussão merleau-pontyana do ser-no-mundo favorece a uma análise espacial e uma compreensão das experiências de maneira que sejam vistas em constante conformação, tal como o próprio Merleau-Ponty (2018) nos mostrou quando fala da relação entre o tempo e a experiência. Novamente, além de partir da inserção do sujeito corporificado como centro da conformação das experiências e espacialidades, o pensamento de Merleau-Ponty contribui para um fazer-geográfico que busque se compreender enquanto atitude existencial em relação ao mundo, seja na experiência concreta ou no estudo científico das experiências e do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo discutimos alguns dos principais conceitos do livro “Fenomenologia da Percepção” de Merleau-Ponty (2018) com o intuito de conseguir relacionar e aprofundar como esses conceitos oferecem potencialidades e possibilidades para o fazer-geográfico. Assim, trouxemos artigos que falassem da crítica merleau-pontyana para a compreensão clássica da relação sujeito-objeto e como essa crítica pode ampliar horizontes de pesquisa para a Geografia.

Trouxemos também artigos que falam da inserção do sujeito-corpo como agente central para a produção dos sentidos e significados do mundo pré-objetivo. Vimos que essa presença do sujeito-corpo deságua na conformação de um espaço enquanto meio de relações humanas. Este espaço, por sua vez, comporta toda a multiplicidade que existem nessas relações, sendo assim, não existe na experiência um lugar apenas como locus do vivido e dos afetos, mas que se mistura com o território e com as relações de poder. Na imagem abaixo (Figura 1) esboçamos uma síntese do que encontramos e

as potencialidades que o pensamento de Merleau-Ponty (2018) apresentou.

No fluxograma vemos a relação sujeito-objeto como uma das bases necessárias para repensar o fazer-geográfico, no sentido de que ao avaliarmos a maneira como a Geografia comumente entende essa relação e como a crítica pode abrir potencialidades de pesquisa que permitam outros enfoques e temáticas. Esse movimento de crítica da relação sujeito-objeto está intrinsecamente ligado à inserção do corpo como “base” dos sentidos e significados do mundo: nós somos nosso corpo, não há em nenhum momento uma separação mente e corpo, mas uma unidade corpórea que é o sujeito.

Assim, essa unidade corpórea que somos demanda que sejamos atrelados a um mundo e a um meio de relações que é o espaço. Nesse sentido que entendemos que quando um pesquisador vai analisar qualquer realidade no seu sentido geográfico, ela ou ele não vão “captar” dados sobre essa realidade, mas sim se relacionar com o que é estudado. Dito isso, vemos que essa condição existencial de sermos com o espaço precisa ser vista por si mesma e não explicada e reduzida a conceitos científicos, isto é, se o espaço é um meio de relações que se dão na experiência cotidiana, essa experiência precisa ser

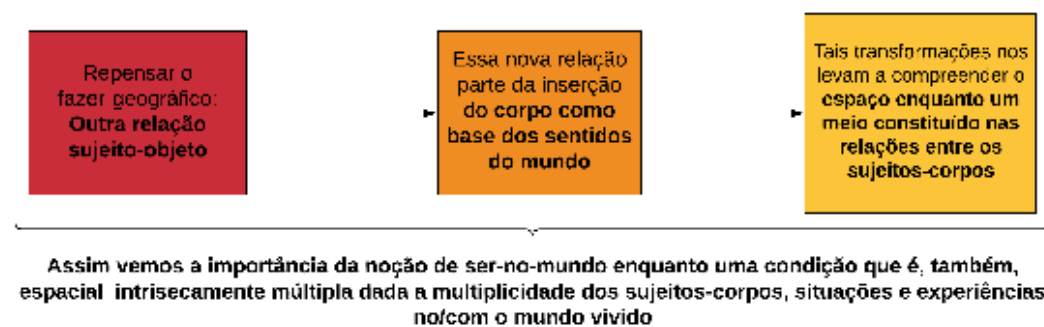


Figura 1 – Fluxograma das potencialidades do pensamento de Merleau-Ponty para a Geografia.

Fonte: L. B. Nunes; B. P. Costa, 2021.

observada, compreendida, descrita e representada a partir do que realmente.

O entendimento do espaço geográfico enquanto meio de relações não restringe a pesquisa geográfica a apenas pesquisas de cunho fenomenológico, embora possibilite maior aprofundamento nessas pesquisas, contribui para outras perspectivas teórico-metodológicas reavaliarem e ampliarem sua compreensão do espaço. É possível dizer também que essa discussão que fizemos se condensa na noção de ser-no-mundo que nos permite não apenas pensar a Geografia (e a geograficidade) como uma atitude existencial, aliás, uma condição para a existência humana, mas também contribui para observarmos a complexidade das nossas categorias de análise.

Dessa forma, podemos dizer que as reflexões e pesquisas que se embasam no pensamento merleau-pontyano contribuem muito ao pensamento geográfico trazendo questionamentos, complexificando-o e apontando necessidades de aprofundamentos. Tal perspectiva teórico-metodológica, pois afinal, tais reflexões não conferem potencialidades apenas teóricas, mas acerca de como estruturar as pesquisas da Geografia, nos possibilita adentrar no nosso mundo e no mundo do outro e estudar a riqueza que é a existência humana. ☉

REFERÊNCIAS

- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DE PAULA, F. C. Ferida de outono: sobre literatura, corpo e presentificação da geograficidade. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, p. 243-258, 2020.
- GARCIA, E. Pesquisa Bibliográfica versus Revisão Bibliográfica. **Revista Línguas e Letras**, v. 17, n. 35, p. 291-294, 2015.
- LIMA, E. L. de. Do corpo ao espaço: contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise geográfica. **GEOgraphia**, v. 9, n. 18, p. 65-84, 2007.
- MALANSKI, L. M. KOZEL, S. Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo: uma abordagem da geografia humanista. **Ateliê Geográfico**, v. 9, n. 2, p. 154-169, ago. 2015.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ed. São Paulo: WMF, 2018.
- NÓBREGA, T. P. da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008.
- NOGUEIRA, A. R. B. Lugar como a representação da existência. In: HEIDRICH, A. L. COSTA; B. P. da; PIRES, C. L. Z (Orgs.). **Maneiras de ler Geografia Cultural**. Porto Alegre: Imprensa Livre; Compasso Lugar-Cultura, 2013. p. 83-89.
- OLIVEIRA, V. H. de; FURLAN, R. Espaço, tempo e causalidade: a crítica de Merleau-Ponty às ciências. **Memorandum**, v. 33, p. 90-111, out. 2017.
- SERPA, A. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **Geosp- Espaço e Tempo**, v. 21, n. 2, p. 586-600, ago. 2017.
- SOUZA JÚNIOR, C. R. B. de; ALMEIDA, M. G. de. Evocativos experienciais dos vínculos de lugar: ensaio acerca da geograficidade de ser-no-mundo. **Revista da ANPEGE**, v. 14, n. 24, p. 115-143, maio/jul., 2018.
- TRAINA, A. J. M.; TRAINA JR., C. Como fazer pesquisa bibliográfica. **SBC Horizontes**, v. 2, n. 2, p. 30-35, ago. 2009.

Submetido em dezembro de 2020.

Revisado em julho de 2021.

Aceito em setembro de 2021.